

Avós Guardiões de Baixa Renda

Low Income Guardian Grandparents

Cristina Pinheiro de Araújo¹

Cristina Maria de Souza Brito Dias²

Resumo

Esta pesquisa teve como objetivo geral investigar as vivências e percepções de avós que criam os netos. Participaram 10 avós (nove mulheres e um homem), com média de idade de 48 anos, de padrão socioeconômico baixo, que criavam entre um a cinco netos. Eles responderam a uma entrevista semi-estruturada que foi analisada por temas. Os principais resultados apontam que: os motivos que levaram os avós a criar os netos foram variados, destacando-se a gravidez na adolescência por parte de um filhote sua separação; a iniciativa da criação, em geral, partiu dos próprios avós; os sentimentos experimentados são de satisfação e felicidade, em que pese a difícil situação financeira e a dificuldade para colocar limites nos netos; a relação com os pais das crianças se caracteriza por um distanciamento e não intromissão na criação dos avós; os filhos ajudam esporadicamente, e a criação deve continuar com os próprios avós.

Palavras-chave: avós guardiões; netos; relacionamento intergeracional; criação.

Abstract

This study had as a general goal to investigate about experiences and perceptions of grandparents who raise their grandchildren. The participants were ten grandparents (nine women and one man) whose average age was 48 years old, all them had low socioeconomic pattern and raised from one to five grandchildren. They answered questions of a semi-structured interview that was analyzed through themes. The main results point out that: the reasons that led grandparents to raise their grandchildren were varied, standing out parent's pregnancy in adolescence and the breakup of their relationships; the initiative of the upbringing, in general, came from the grandparents themselves; the feelings experienced by these are happiness and satisfaction, despite the burden of their difficult financial situation and the difficulties to set limits to their grandchildren; the relationship with the children's parents is characterized by distance and no intromission in the grandparents' upbringing; parents help sporadically and the upbringing must be carried on by the grandparents.

Keywords: guardian grandparents; grandchildren; intergenerational relationship; upbringing.

¹ Assistente social com especialização em Intervenções em família e realidade social pela Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE). Funcionária do Hospital Municipal de Bom Conselho. Endereço eletrônico: crispinheiro2006@hotmail.com.

² Possui mestrado e doutorado em Psicologia pela Universidade de Brasília e é professora e pesquisadora da Universidade Católica de Pernambuco. Endereço eletrônico: cristina_britodias@yahoo.com.br

Existem várias expressões para designar a família ou os avós que cuidam de seus netos: “família substituta”, “pais substitutos”, “pais à revelia”, “avós em tempo integral”, “avós com custódia” (quando estes têm legalmente a custódia do neto) e “avós guardiões” (Ehrle & Day, 1994). Neste trabalho optamos por esta última nomenclatura.

Observamos, na literatura psicológica sobre os avós, que eles foram alvo de estudos, principalmente, a partir dos anos 80, devido às diversas mudanças sociais que afetaram a família. Entretanto, foi na década de 90 que o interesse recaiu nos avós guardiões, dada à necessidade de apoio que ambos, avós e netos, precisam, uma vez que se vêem frente a diversos problemas de ordem social, física, emocional, financeira e legal (Dias & Silva, 1999).

Para Pebley e Rudkin (1999), é necessário distinguir os avós que cuidam de seus netos juntamente com os pais, arranjo que elas designaram de “co-residência”; daqueles que arcam sozinho com a criação dos netos, chamados de “cuidadores com custódia” (concedida pela justiça). Segundo as autoras, os motivos que levam a esses dois casos são diferentes: o que acarreta a co-residência é o fato de o (a) filho (a) adolescente ou adulto (a) já viver com os pais, ter um filho e continuar a morar com eles; ou então o (a) filho (a) que descasa e volta para a casa dos pais com seu(s) próprio(s) filho(s). As autoras observaram que, na maior parte das vezes, é a filha que continua residindo com os pais.

Convém destacar os fatores que têm contribuído para que as crianças sejam cuidadas pelos avós, dentre eles encontram-se: a longevidade humana, que vem favorecendo o crescimento do número de famílias nas quais coexistem três e mesmo quatro gerações; a inserção das mulheres no mercado de trabalho dificultando-lhes o cuidar integral dos filhos; dificuldades econômicas como desemprego dos pais e necessidade de ajuda financeira por parte dos avós; necessidade de ambos os pais trabalharem para prover o sustento doméstico; divórcio do casal com retorno para a casa dos pais, juntamente com os netos; o novo casamento de pais separados e a não aceitação das crianças por parte do cônjuge; gravidez precoce e despreparo para cuidar dos filhos; morte precoce dos pais devido à violência ou doenças como a AIDS; incapacidade dos pais, decorrente de distúrbios emocionais ou neurológicos e da violência doméstica (abuso, negligência ou abandono); uso de drogas ou envolvimento em programas de recuperação para usuários de drogas; envolvimento em situações ilícitas e problemas

judiciais (Falcão, Dias, Bucher-Maluschke & Salomão, 2006).

Nos Estados Unidos, os pesquisadores têm dado atenção especial às variáveis sócio-demográficas: no que tange à variável sexo dos avós, ficou evidente que os cuidados com os netos recaem sobre as avós, especialmente a avó materna, uma vez que o relacionamento entre mãe e filha tende a ser mais próximo, conforme fora salientado por Eisenberg (1988). Pebley e Rudkin (1999) constataram: quanto à idade, predominou a faixa etária dos 55 a 60 anos, para as avós, enquanto que a dos netos foi de cinco anos e meio, em média. Em relação ao nível educacional, este não era elevado, sendo difícil encontrar avós que terminaram o segundo grau. Em geral, a situação financeira dessas avós era precária, o que acarretou um empobrecimento dessas famílias. A etnia mais encontrada foi a de afro-americanos, especialmente quando os pais não estavam presentes, seguida pela de hispânicos.

Os resultados das pesquisas sobre avós guardiões mostram que elas podem experimentar diversos sentimentos como: perda (dos filhos, dos companheiros de sua idade, de sua liberdade); ansiedade, ao ter que lidar com crianças ainda em desenvolvimento; raiva e rancor contra os filhos que as deixaram em tal situação. Elas também podem vivenciar medo de não poderem acompanhar o crescimento dos netos até se tornarem adultos e de não ter quem cuide deles na sua falta. Muitas se sentiram inadequadas e acharam que faltaram como mães e, com isto, apresentaram confusão de papel por estarem desempenhando uma função que, na realidade, seria dos pais. Elas também se queixaram de seu estado de saúde e algumas chegaram a desenvolver depressão. Os avós tenderam a esquecer sua própria condição de saúde para atender às necessidades dos netos. Outros sentimentos relatados pelos avós configuram uma ambivalência: cansaço e medo de perder sua privacidade se misturaram aos de realização, renovação, orgulho e satisfação de terem contribuído com seus filhos e netos. Estes dados refletem que, para alguns entrevistados, o cuidar dos netos seria prova de saúde, amor, trabalho e sentimento de utilidade (Atalla, 1996; Fitzgerald, 2001; Ghum, Weist & Schafer, 1999; Harrison, Rickman & Vittimberga, 2000; Heywood, 1999; Kropf & Burnette, 2003).

No Brasil encontramos três pesquisas com avós que cuidavam dos netos, duas realizadas em São Paulo e uma em Recife. Em sua pesquisa, Oliveira (1993) estudou quatro avós, um avô e 11 netos, de camadas populares, caracterizando uma situação na qual avós cuidavam de seus netos em virtude de os

pais não poderem fazê-lo. Seu foco de interesse foi a relação educativa que pode florescer entre avós e netos no âmbito do cotidiano prático e simbólico por eles vivido e compartilhado.

Na segunda pesquisa, Atalla (1996) estudou cinco avós maternas, de camadas médias, que cuidavam dos netos durante uma parte do dia enquanto seus pais trabalhavam. Ela concluiu que a decisão de cuidar do neto já está presente durante a gestação, face à angústia dos pais em saber quem cuidaria do bebê. Enquanto algumas avós se sentiram pressionadas a tomarem tal decisão e o fizeram com relutância, por dever, outras esperavam esse momento e a aceitaram com prazer.

Dias, Costa e Rangel (2005) pesquisaram 62 avós (32 mulheres e 30 homens), de padrão socioeconômico diferenciado, que criavam, ao menos, um neto. Elas concluíram que os avós mostraram sentimentos ambivalentes em relação ao fato de criarem seus netos e que fatores como saúde, situação financeira e relacionamento com filhos e genros/noras são essenciais para que a situação seja vista de forma positiva ou não.

Face à escassez de estudos sobre os sentimentos e as percepções de avós de camadas populares que cuidam dos netos, principalmente na realidade nordestina, nos interessamos em realizar esta pesquisa. Especificamente investigamos: os motivos que os levaram a criar os netos, as vantagens e as desvantagens percebidas com a criação e a avaliação que fazem da experiência.

Método

Campo da pesquisa

O estudo foi realizado na cidade do Cabo de Santo Agostinho, que faz parte da Região Metropolitana do Recife - RMR e constitui-se como o segundo maior município dessa Região (445 km²). Localizado no litoral sul do Estado de Pernambuco, o município tem uma população de 152.977 habitantes (IBGE/Censo-2000). A investigação realizou-se especificamente no Distrito de Ponte dos Carvalhos. No Cabo de Santo Agostinho concentram-se grandes e médias empresas nas áreas: química, de alimentos e bebidas, metal, mecânica, materiais de construção, e das indústrias de transformação como: a indústria têxtil, de artefatos de borracha, distribuidoras de derivados de petróleo, entre outras.

Participantes

Participaram nove avós e um avô da camada de baixa renda, que criavam netos, assim descritos:

Margarida: 41 anos, casada, do lar, reside com o esposo e o neto de 2 anos e 7 meses que veio para a companhia dos avós com 1 ano de idade. É avó paterna e o filho tem 22 anos. A renda da família é fixa e proveniente da aposentadoria do cônjuge. Recebem mensalmente um salário mínimo e meio. Residem em casa própria, de alvenaria, que possui saneamento básico, luz elétrica, banheiro privativo, coleta municipal do lixo. Os avós cursaram o ensino fundamental I e o neto não está em fase escolar.

Bromélia: 44 anos, casada, do lar, reside com o esposo, um neto de 4 anos, uma neta de 3 anos e um filho adotivo de 14 anos. Os netos vieram para a companhia dos avós com 1 ano e com 5 meses. É avó paterna e os filhos têm 23 e 24 anos. A renda da família é proveniente de um Programa Municipal em que o avô está inserido e recebem mensalmente menos de um salário mínimo. Residem em uma invasão. A estrutura da casa é de alvenaria, possui saneamento básico, luz elétrica, banheiro privativo, coleta municipal do lixo. Os avós não foram alfabetizados e os netos não estão em fase escolar; apenas o de 4 anos frequenta uma creche pública.

Rosa: 48 anos, do lar, convive maritalmente há 20 anos, reside juntamente com o companheiro e um neto de 4 anos. Eles são agregados numa casa cedida por sua amiga, que faleceu, e deixou dois filhos de 40 e 60 anos que também residem no domicílio. O neto veio para sua companhia com 08 meses de idade. É avó materna e a filha tem 23 anos. A renda da família é fixa, proveniente da aposentadoria do cônjuge. Recebem mensalmente um salário mínimo. A casa tem estrutura de alvenaria, possui saneamento básico, luz elétrica, banheiro privativo, coleta municipal do lixo. A avó não foi alfabetizada e o neto cursa pré-alfabetização em uma escola pública.

Flor do Campo: 48 anos, convive maritalmente há 4 anos e fazem parte da composição familiar o companheiro, dois netos de 5 e 3 anos, duas filhas, sendo que uma é mãe dos netos que a avó cria. Os netos vieram para a companhia da avó desde o nascimento. É avó materna e as filhas têm 14 e 19 anos. A renda da família é eventual, de menos de um salário mínimo, proveniente do trabalho informal da avó e do companheiro no mangue. Residem em uma invasão, em casa de madeira, com luz elétrica, coleta municipal do lixo, sem saneamento básico. A avó cursou a 1ª série do ensino fundamental I, a neta cursa a pré-

alfabetização em uma escola pública e o neto não está em fase escolar.

Papoula: 48 anos, convive maritalmente há 20 anos, do lar. Fazem parte da composição familiar o companheiro e o neto de 5 anos, que veio para sua companhia após o nascimento. É avó materna e a filha tem 21 anos. A renda da família é eventual, proveniente do trabalho informal do companheiro vendendo doces. Recebem mensalmente menos de um salário mínimo. Residem em casa própria, de madeira, possui saneamento básico, luz elétrica, banheiro coletivo, coleta municipal do lixo. A avó não foi alfabetizada e o neto não está em fase escolar.

Carinho de Mãe: 49 anos, casada, reside com o esposo e duas filhas, uma delas é a mãe do neto de 6 anos que veio para a companhia dos avós após o nascimento. É avó materna e a filha tem 21 anos. A renda da família é fixa, proveniente do trabalho do esposo como serviços gerais e do seu trabalho informal com venda de comida. Recebem mensalmente um salário mínimo e meio. Residem em casa cedida pela empresa em que o esposo trabalha. A estrutura da casa é de alvenaria, possui saneamento básico, luz elétrica, banheiro coletivo, coleta municipal do lixo. A avó cursou o ensino fundamental I e o neto está cursando alfabetização.

Orquídea: 51 anos, solteira, do lar, reside com dois netos de 6 e 10 anos que vieram para sua companhia desde o nascimento. É avó materna e a filha tem 27 anos. A única renda da família provém do Programa Federal Bolsa Família e recebem menos de um salário mínimo. Residem em uma invasão e a estrutura da casa é de taipa e plástico, sem saneamento básico; a luz elétrica e a água encanada são de ligações clandestinas. A avó não foi alfabetizada e os netos cursam o ensino fundamental I em uma escola pública.

Vitória Régia: 56 anos, viúva, do lar, reside com a neta de 9 anos, que veio para sua companhia com 6 meses de idade. É avó materna e a filha tem 24 anos. A única renda da família provém do aluguel de um quarto no mesmo terreno da casa. Recebe mensalmente menos de um salário mínimo. Residem em casa própria, de alvenaria, que possui saneamento básico, luz elétrica, banheiro privativo, o lixo é jogado na maré. A avó não foi alfabetizada e a neta apresenta deficiência física e mental, mas não freqüenta escola especializada.

Girassol: 57 anos, viúva, do lar, reside durante a semana com cinco netos de 5, 8, 10, 12 e 13 anos. Estes, no final de semana, vão para a casa de sua mãe, que trabalha até a sexta feira como empregada doméstica no Recife. A avó cuida dos netos desde o nascimento. É avó materna e a filha tem 35 anos. A renda da família totaliza menos de um salário e

provém do Programa Federal Bolsa Família e da ajuda da filha, que colabora com a avó para a manutenção dos filhos. Residem em casa própria e a estrutura da casa é de alvenaria, possui saneamento básico, luz elétrica, coleta municipal do lixo. A avó não foi alfabetizada e todos os netos cursam o ensino fundamental I em uma escola pública.

Cravo: 50 anos, casado, reside com a esposa e duas filhas. Uma delas é a mãe do neto de 6 anos que veio para a companhia dos avós após o nascimento. É avó materno e a filha tem 21 anos. A renda da família é fixa, proveniente do seu trabalho como serviços gerais e do trabalho informal da esposa com venda de comida. Recebem mensalmente um salário mínimo e meio. Residem em casa cedida pela empresa, tipo alvenaria, possui saneamento básico, luz elétrica, banheiro coletivo, coleta municipal do lixo. O avô cursou a 1ª série do ensino fundamental I e o neto está cursando alfabetização em escola privada.

Instrumento para coleta de informações

Os dados foram coletados através de um roteiro de entrevista que foi conduzida de forma semi-dirigida. O referido instrumento constou de 14 questões enfocando as seguintes dimensões: os motivos que levaram os avós a criar seus netos; de quem partiu a iniciativa para criá-los; os sentimentos experimentados pelos avós ao criarem os netos; as dificuldades sentidas na criação do neto (a); a avaliação do relacionamento dos avós com os pais do (a) neto (a); as vantagens de criar um (a) neto; a diferença entre o neto que cria e os demais netos; a interferência dos pais na criação da avó; a contribuição do filho (a) para a criação do neto (a) e avaliação sobre a continuidade da criação do neto (a). Além disso, foram preenchidos os dados sócio-demográficos sobre os avós, os filhos e os netos.

Procedimento de coleta dos dados

Os avós foram identificados através de uma instituição de uma unidade básica e pública de assistência social, como também alguns avós indicaram outros, procedimento denominado “bola de neve” (Turato, 2003).

As entrevistas foram realizadas individualmente; duas delas foram feitas na casa dos entrevistados e o restante na referida instituição. No momento, a entrevistadora se apresentava e solicitava a colaboração da (o) avó (ô) para participar do estudo. Na ocasião, o entrevistado também era informado que a

colaboração consistiria em responder a uma entrevista, sendo ressaltado a não obrigatoriedade dos avós em responder a todas as perguntas. Devido à baixa escolaridade dos avós, eles não assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, mas concordaram em participar. Também foi informado que sua identidade seria preservada. Para isto foram adotados nomes de flores. As entrevistas foram gravadas e transcritas e, em seguida, analisadas com base na literatura consultada.

Análise e Discussão dos Dados

Perfil sociodemográfico dos participantes

Sintetizando os dados sócio-demográficos vimos que: a idade variou de 41 a 57 anos, com média de 48 anos; a maioria era casada ou vivia uma união estável; cinco deles criavam apenas um (a) neto (a) e os outros avós criavam de dois a cinco netos; a maioria foi constituída de avós maternas e a média de idade dos filhos foi de 21 anos.

Observamos que nenhum dos avós entrevistados encontra-se na faixa dos 60 anos, ou seja, não são idosos, o que corrobora a afirmação de Dias e Silva (1999), quando as autoras referem que associar os avós exclusivamente à imagem de pessoas idosas é uma visão limitada. Hoje é cada vez mais freqüente encontrarmos avós em plena maturidade, gozando de boa saúde e envolvidos em seus próprios interesses, bem como os denominados “avós precoces” que são precipitados para o papel devido à gravidez na adolescência por parte de um filho (Hagestad & Burton, 1986).

Com relação à situação habitacional dos avós, levando-se em conta a realidade do lugar, foi considerada regular, uma vez que predominou os que residem em casa própria, com estrutura do tipo alvenaria e saneamento básico, tendo o lixo um destino adequado e os domicílios possuem serviço de luz elétrica. No entanto, a maioria das residências está localizada em ruas de difícil acesso e sem pavimentação, inclusive em áreas de risco, próximas à maré e encostas. Os dados também mostraram que o nível educacional não é elevado, tendo em vista que, dos dez entrevistados, sete não foram alfabetizados e nenhum dos avós iniciou o ensino fundamental II, o que confirma os dados da pesquisa de Pebley e Rudkin (1999), embora estas autoras tenham pesquisado avós norte-americanas. Por outro lado, os dados demonstram que os netos que estão em idade escolar freqüentam a escola. Possivelmente, isto denota uma preocupação dos avós com a educação formal dos seus netos, como uma estratégia de escapar da pobreza e, no futuro,

eles terem uma melhor qualidade de vida. Outra possibilidade seria para cumprir com as normas de alguns programas sociais onde é exigida a freqüência escolar das crianças como condição para inserção e permanência nos programas.

No que se refere à situação socioeconômica dos entrevistados, esta evidenciou ser precária. A renda mensal, na grande maioria, ficou abaixo de um salário mínimo, com a qual sobrevivem de duas a seis pessoas. A renda mensal destas famílias, geralmente, é proveniente dos trabalhos informais dos avós ou pessoas da família e de programas sociais governamentais, de complementação de renda, destinados às famílias que não possuem renda ou cuja renda é insuficiente para garantir o mínimo necessário à sobrevivência. Foi identificado que o índice de desemprego é alto entre os entrevistados, embora a maioria esteja em idade produtiva.

Os motivos que levaram os avós a criar os netos

A maioria dos entrevistados respondeu que os principais motivos que os levaram a criar os netos foram a violência (entendida neste trabalho como abandono e negligência dos pais), seguido de gravidez na adolescência. Outros motivos foram mencionados: separação dos pais, apego do neto aos avós e trabalho da mãe.

“As duas mães foram embora com outros homens e deixaram eles comigo”. (Bromélia)

“Minha filha não podia criar, eu soube que ela ia dar aos outros e achei melhor ficar com ele do que ela dar ao povo da rua”. (Papoula)

“Minha neta nasceu prematura, com deficiência física e a mãe adolescente não cuidava bem dela”. (Vitória Régia)

“Quando ele saía pra casa ia chorando, era muito apegado ao avô; meu marido gosta muito dele”. (Rosa)

“Eu precisava ficar com os meninos pra mãe poder ir trabalhar”. (Girassol)

No que se refere à gravidez na adolescência, os dados concordam com Dias, Viana e Aguiar (2003), quando afirmam, em pesquisa realizada com avós paternas e maternas que se tornaram avós nessa situação, serem, principalmente, as avós maternas as que ficam com a responsabilidade de ajudar as filhas. Outros dados que confirmam os resultados na presente pesquisa são os de Pebley e Rudkin (1999), quando afirmam que, na maior parte das vezes, o que ocorre é a filha adolescente já viver com os pais, ter um filho e continuar a morar com eles, que foi o que aconteceu na maioria dos casos. Por sua vez, a imaturidade e a impaciência da

adolescente para cuidar do filho foram evidenciadas pelas avós que participaram da pesquisa realizada por Silva e Salomão (2003), daí elas assumirem os cuidados.

Quem tomou a iniciativa

Indagados sobre de quem partiu a iniciativa de criar os netos, oito avós responderam que foi deles mesmos e apenas duas avós referiram que foi por iniciativa da mãe, como mostram algumas falas:

“Minha mesmo, pela necessidade de cuidar da saúde dele”. (Margarida)

“Minha, mas não deixo ela fora disso não, acaba que quem fica mais com ele é a mãe, que tem 14 anos, mas aprendeu a cuidar rápido”. (Flor do Campo)

“Da mãe, ela precisava trabalhar e perguntou se eu podia ficar...”. (Girassol)

Estes resultados comprovam a constatação de Atalla (1996), Oliveira (1993) e Dias, Costa e Rangel (2005) sobre a existência de sentimentos de ambivalência experimentados pelas avós, pois, apesar da responsabilidade e do cansaço que a criação dos netos demanda, muitas vezes parte delas a iniciativa de criá-los.

Sentimentos experimentados com a criação do (a) neto (a)

Sobre os sentimentos vivenciados pelos avós com a criação do (a) neto (a), os resultados demonstraram que foram de felicidade, alegria e bem estar. Algumas relataram também a companhia que o neto lhes faz, conforme as colocações abaixo:

“Eu amo ele e fiquei muito feliz”. (Margarida)

“Depois de criar oito filhas mulher, criar um neto homem me deixou muito feliz”. (Rosa)

“Graças a Deus me sinto bem. Não me sinto só, é um divertimento para mim”. (Flor do Campo)

“Bem. Antes não tinha com quem conversar, meu marido é muito ausente e meu neto é tudo pra mim”. (Papoula)

“Feliz, só não me sinto melhor porque ela é deficiente, falou muito tarde”. (Vitória Régia)

Conforme Oliveira (1993), pudemos identificar também um reacender de um sentimento de esperança promovido pelos desafios de tomar conta dos netos e o encontro de um sentido para a própria existência.

Dificuldades percebidas pelos avós na criação do (a) neto (a)

Dos dez avós entrevistados, sete deles apresentaram como dificuldades na criação do (a) neto (a) as condições financeiras e os outros três avós se referiram à de colocar limite nos netos.

“A dificuldade é financeira, prá fazer o tratamento dele de Fonoaudiologia no Recife; ele já fez três cirurgias, também não posso colocar ele num colégio particular”. (Margarida)

“Financeira, tem dia que não tem nem dinheiro pro pão”. (Girassol)

“Ele é muito teimoso e não aceita limite”. (Papoula)

Os dados deste estudo demonstram que a situação financeira é um dos fatores mais preocupantes para as pessoas que vivem em situação de vulnerabilidade social. O estudo de Pebley e Rudkin (1999) constatou, entre as características sócio-demográficas das famílias estudadas por elas, nos Estados Unidos, a difícil condição financeira. O mesmo ocorre na nossa realidade, agravada pela situação econômica que atravessa o país. Diretamente atrelados à questão financeira estão a angústia de faltar o necessário à criação dos netos e o receio de não conseguir proporcionar-lhes o que precisam até que eles se tornem adultos.

Vantagens percebidas pelos avós ao criarem um (a) neto (a)

Os entrevistados consideraram que a proximidade do (a) neto (a) os deixam mais tranquilos; os dois outros fatores mais apontados como vantagem em criar um neto (a) foram o de tê-lo como uma companhia e também o amor recíproco existente entre avós e netos.

“Acho melhor cuidar deles do que eles ficarem sozinhos”. (Girassol)

“Eu fico tranquilo em ver ele crescendo sabido aqui junto da gente”. (Cravo)

“Ela é minha companhia, me deixa contente porque é divertida, esqueço os problemas”. (Vitória Régia)

“O carinho e o amor que ele tem por mim”. (Margarida)

No que se refere às vantagens obtidas por criar um (a) neto (a), os dados mais uma vez confirmam o estudo de Oliveira (1999), quando os entrevistados mencionam sentimentos positivos se referindo aos benefícios e à felicidade advindos do cuidar dos netos, em detrimento das dificuldades enfrentadas. O autor observou que, em alguns casos, o convívio com as crianças representa o contato diário com os possíveis problemas que os aproximaram – a violência dos pais para com seus

netos – levando os avós a se confrontar com um sentimento de fracasso e indignação em relação aos filhos; porém a relação de troca que se fortalece entre avós e netos indica que conseguiram contornar os problemas e construir uma nova maneira de viver a vida.

Estudos como os de Kropf e Burnette (2003) e Dias e Costa (2006) constataram que os avós que cuidam dos netos estão mais sujeitos a apresentar problemas funcionais e de saúde; também possuem mais chances de apresentar sintomas depressivos e dificuldades para manter contato com a rede social. No entanto, isto não foi evidenciado na presente pesquisa justificado talvez pela idade mais jovem das avós.

Avaliação do relacionamento com os pais do (a) neto e da interferência dos pais na criação dos avós

No tocante à avaliação do relacionamento dos avós com os pais do (a) neto (a) foi mencionada uma relação de distanciamento por alguns avós, da mesma forma que de aproximação para outros. A pesquisa também demonstrou que a maioria dos pais não interfere na criação dada pelos avós.

“Eles só se vê de vez em quando. O menino não quer nem saber da mãe e ela tá feliz porque eu crio ele”. (Bromélia)

“Não aconteceu nada. Se ela quiser ver ele todo dia, ela vem. Eu dei um lugar pra ela morar aqui perto. Ela que não tem amor por ele, já tem outros quatro filhos. A outra avó já toma conta de outro neto. Ela não atrapalha em nada a minha criação. Eu crio como criei ela”. (Papoula)

“Até hoje eu não gosto do pai dele. Trato bem porque sou crente”. (Carinho de Mãe)

“Ela não atrapalha. Qualquer coisa eu digo que vou pro juiz e ela tem medo”. (Orquídea)

A partir desses dados, podemos perceber que alguns depoimentos sugerem a existência de atritos entre as gerações, entre pais e filhos e/ou sogra e nora/genro, o que pode ter contribuído para o fato de a criação dos netos ser realizada pelos avós entrevistados. Os resultados também parecem confirmar a pesquisa de Dias e Costa (2006) quando elas afirmam que é mais comum as avós se relacionarem melhor com as mães de seus netos, já que foi verificado que a maioria dos avós é do lado materno.

Diferenças percebidas entre o (a) neto que cria e os demais

Encontramos que a maioria justificou a diferença entre o (a) neto (a) que cria e os demais netos, em função da convivência que facilita o apego; outros referiram sentimento de culpa pela preferência e ainda foi relatado que não há nenhuma diferença entre eles. Peixoto (2000) elencou os fatores que podem favorecer a preferência dos avós por determinados (as) netos (as): progeneritura, afinidade, trocas de presentes e serviços, assiduidade dos encontros e cuidado. No nosso caso, a proximidade gerada pelo cuidado favoreceu a preferência pelos netos que criam:

“Eu gosto dela (outra neta), mas não tenho o mesmo apego porque sei que ela não precisa”. (Margarida)

“Ela vem aqui uma vez por ano. Eu amo minha netinha, mas minha amizade tá mais por K e V”. (Flor do Campo)

“Os outros têm a mãe, ela só tem a mim” (Girassol).

“Se eu tivesse condições criava todos, porque eles precisam”. (Rosa)

“Eu fiquei de coração partido porque deixei ela ir pra casa da outra avó”. (Carinho de Mãe)

Contribuição do (a) filho (a) para a criação do (a) neto (a)

Com relação à contribuição dada pelo filho (a) para a criação do neto (a) foi mencionado, por quatro avós, que seus filhos não oferecem nenhuma ajuda; três avós referiram que os filhos contribuem um pouco para as finanças e os outros três relataram que os filhos apenas levam seus netos para atividades de lazer.

“Contribui em nada”. (Papoula)

“Antes uma dava R\$ 30,00. Atualmente não ajuda em nada. A outra filha é quem cuida do meu neto, não dou moleza”. (Flor do Campo)

“Visita e leva pra passear”. (Margarida)

“O pai dá um trocadinho. Ela não ajuda em nada”. (Rosa)

“Se faz um bico, compra alguma coisa pra ele”. (Cravo)

A partir dos depoimentos apresentados observamos que houve divergência dos dados obtidos por Dias, Costa e Rangel (2005) e Dias e Costa (2006), em que as autoras constataram que a maioria dos avós contou com a ajuda dos seus filhos.

Continuidade da criação do (a) neto (a)

De acordo com os entrevistados podemos verificar que a grande maioria considera que a

criação dos netos deve continuar com eles. Apenas o avô disse que essa decisão dependia do neto e uma avó referiu que a criação deveria continuar com a mãe e a avó colaborando.

“Comigo e quando eu tiver mais velha com a mãe, que vai precisar cuidar e não desprezar. Ela é muito apegada a mim e não quer ir com a mãe” (Vitória Régia).

“Comigo. Eles são meus pés e minhas mãos”. (Orquídea)

“Comigo. Porque não tem quem dê um trato neles”. (Bromélia)

“Comigo. Eu luto até o fim pra ficar com meu neto”. (Papoula)

“Com a gente, mas depende dele, se ele quiser ir com a mãe”. (Cravo)

“Com a mãe. Mas eu ajudando”. (Margarida)

Para todos os participantes a criação deve continuar com eles mesmos, o que confirma os resultados das pesquisas de Dias, Costa e Rangel (2005) e Dias e Costa (2006). As autoras se referiram ao maior apego dos avós aos netos que criam, daí a dificuldade de deixá-los sair de sua companhia.

Considerações Finais

Constatamos que os avós não medem esforços para cuidar de seus netos e os querem em sua companhia, pois eles lhes trazem alegrias, amor e um objetivo para viver. Duas crianças apresentam necessidades especiais e este foi o motivo que levou as avós a cuidar delas, uma vez que não estavam sendo cuidadas como mereciam. Talvez por serem ainda relativamente jovens, os avós da presente pesquisa não se queixaram de problemas físicos, conforme foi relatado na revisão da literatura. Chama a atenção a prevalência das avós maternas cuidando dos seus netos, o que se deve ao maior envolvimento entre mães e filhas, e também o arranjo denominado co-residência, comum entre as pessoas de camada mais desfavorecida, ocasionado pela própria necessidade de sobrevivência.

Existe um consenso de que as atribuições de avós e pais são diferentes cabendo a estes a responsabilidade pela criação. No entanto, a imaturidade e a separação dos pais a ocasionaram casos de abandono, negligência e mesmo violência que justificaram a iniciativa das avós de tomar conta dos netos. É importante salientar que, mesmo possuindo precária condição financeira, os avós não abandonaram seus netos, o que evidencia a contribuição social dos mesmos e que ainda não é devidamente reconhecida.

Reconhecemos as limitações do presente estudo como a quantidade de participantes, especialmente a presença de apenas um avô na pesquisa, e o não aprofundamento em algumas questões, as quais são desafios que mostram a necessidade de outras investigações. Concordamos com o que disseram os pesquisadores do tema de que são vários os fatores que interferem na qualidade da criação e da relação avós, pais e netos: o nível socioeconômico, o sexo dos avós, a idade, o papel que os pais desempenham em relação aos avós, conflitos não resolvidos entre a primeira e a segunda gerações, entre outros, o que reforça a necessidade de mais pesquisas.

Esperamos que este estudo contribua para dar visibilidade a este importante segmento da população e possa oferecer subsídios aos profissionais que lidam com crianças, famílias e comunidades.

Referências

- Atalla, M. M. A. (1996). *Netos, o olhar das avós: vivências de avós que cuidam de seus netos*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, USP, São Paulo.
- Dias, C. M. S. B. & Silva, D. V. (1999). Os avós: uma revisão da literatura nas três últimas décadas. In T. Feres-Carneiro (Org.), *Casal e Família, entre a tradição e a transformação* (pp.118-149). Rio de Janeiro: Nau.
- Dias, C. M. S. B., Viana, M. L. C. L & Aguiar, F.S. L. (2003). A auto-percepção das avós precoces. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Família e casal, arranjos e demandas contemporâneas* (pp.119 – 140). Rio de Janeiro/ São Paulo: PUC – Rio/ Loyola.
- Dias, C. M. S. B., Costa, J. M & Rangel, V. A. (2005). Avós que criam seus netos: circunstâncias e conseqüências. In T. Féres-Carneiro (Org.), *Família e casal, efeitos da contemporaneidade* (pp.158-176). Rio de Janeiro: PUC/Rio.
- Dias, C. M. S. B. & Costa, J. M (2006). Um estudo sobre a avó guardiã na cidade do Recife. In M. C. L. A. Amazonas, A. O. Lima, & C. M. S. B. Dias (Orgs.), *Mulher e família: diversos dizeres* (pp.127-138). São Paulo: Oficina do Livro Editora.

- Ehrle, G. M. & Day, H. D. (1994). Adjustment and family functioning of grandmother rearing their grandchildren. *Contemporary Family Therapy*, 16(1), 67-82.
- Eisenberg, A. R. (1988). Grandchildren's perspectives on relationships with grandparents: the influence of gender across generations. *Sex Roles*, 19(3/4), 205-217.
- Falcão, D. V. S., Dias, C. M. S. B., Bucher-Maluscke, J. S. N. F. & Salomão, N. R. (2006). As relações familiares entre as gerações: possibilidades e desafios. In D. V. S. Falcão & C. M. S. B. Dias (Orgs.), *Maturidade e velhice; pesquisas e intervenções psicológicas* (Vol. 1; pp. 59-80). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Harrison, K. A., Rickman, G. S. & Vittimberg, G. L. (2000). Parental stress in versus parental raising children with behavior problems. *Journal of Family Issues*, 21(2), 262-270.
- Heywood, E. M. (1999). Custodial grandparents and their grandchildren. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 7(4), 367-372.
- Hagestad, G. & Burton, L. (1986). Grandparenthood: life context and family development. *American Behavioral Scientist*, 29(4), 471-484.
- Kropf, N. P. & Burnette, D. (2003). Grandparents as family caregivers: lessons for intergenerational education. *Educational Gerontology*, 29, 361-372.
- Oliveira, P. S. (1993). *Vidas compartilhadas: o universo cultural nas relações entre avós e netos*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, USP, São Paulo.
- Oliveira, P. S. (1999). *Vidas compartilhadas: cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana* (Coleção Linguagem e Cultura). São Paulo: Hucitec, Fapesp.
- Pebbley, A. R. & Rudkin, L. L. (1999). Grandparents caring grandchildren. What do we know? *Journal of Family Issues*, 25(8), 1026-1049.
- Peixoto, C. E. (2000). Avós e netos na França e no Brasil. In C. E. Peixoto, F. Singly & E. V. Cicchelli (Orgs.), *Família e individualização* (pp. 95-111). Rio de Janeiro: FGV.
- Silva, D. V. & Salomão, N. M. R. (2003). A maternidade na perspectiva de mães adolescentes e avós maternas dos bebês. *Estudos de Psicologia*, 8(1), 135-145.
- Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*. Petrópolis: Vozes.

Categoria de contribuição: Relato de pesquisa
 Recebido: 23/07/09
 Aceito: 21/05/10